

TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DE JOVENS DE COMUNIDADES POPULARES VINCULADAS/OS AO PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES – PCS/UFGA

PATH OF BASIC SCHOOLING OF YOUNG PEOPLE FROM POPULAR COMMUNITIES LINKED TO THE CONNECTIONS OF KNOWLEDGE PROGRAM - PCS / UFGA

LA TRAYECTORIA DE LA ESCOLARIZACIÓN BÁSICA DE JÓVENES DE COMUNIDADES POPULARES VINCULADAS AL PROGRAMA CONEXIONES DE CONOCIMIENTO - PCS / UFGA

Maria José Aviz do Rosário¹, Thaís Pimenta Pimentel² e Jesus de Nazaré de Lima e Costa³

¹Universidade Federal do Pará, Brasil,

²Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua, UFGA, PA, Brasil,

³Secretaria Municipal de Educação de Acará, UFGA, PA, Brasil,

RESUMO: O artigo aborda a trajetória de escolarização básica de jovens de comunidades populares vinculados ao programa Conexões de Saberes – PCS/UFGA, com o objetivo de registro, divulgação e ampliação do debate sobre garantia de direitos educacionais. Foi desenvolvido a partir da análise das narrativas contidas nos memoriais produzidos pelos jovens nos anos de 2009 e 2010 e em fontes bibliográficas; articula-se à tese de que a garantia da escolarização básica do ponto de vista quantitativo e qualitativo permite que grupos marginalizados tenham "voz" e que a busca por conhecimento é uma das alternativas de autonomia às classes populares, silenciadas historicamente. A análise das narrativas permite afirmar que as/os jovens do PCS buscaram este caminho.

PALAVRAS-CHAVE: comunidades populares; trajetória de escolarização; educação

ABSTRACT: The article addresses the basic schooling trajectory of young people from popular communities linked to the Connections of Knowledge program - PCS / UFGA, with the purpose of registering, disseminating and broadening the debate on guaranteeing educational rights. It was developed from the analysis of the narratives contained in the memorials produced by young people in the years 2009 and 2010 and in bibliographic sources; It is articulated to the thesis that the guarantee of basic schooling from the quantitative and qualitative point of view allows marginalized groups to have a "voice" and that the search for knowledge is one of the alternatives of autonomy to the historically silenced popular classes. The analysis of the narratives allows us to affirm that the young people of PCS sought this path.

KEYWORDS: popular communities; schooling trajectory; education.

INTRODUÇÃO

Neste artigo abordamos a trajetória escolar básica de jovens de comunidades populares vinculados ao programa Conexões de saberes – PCS/UFGA, com o objetivo de registro, divulgação e ampliação do debate sobre garantia de direitos educacionais.

O Programa Conexões de Saberes¹ está em execução desde 2005 na UFGA, objetiva a valorização e o fortalecimento acadêmico dos estudantes de origem popular, definidos como aqueles estudantes em condição de vulnerabilidade social e acadêmica, por meio de projetos que ofereçam a estes jovens universitários de origem popular/baixa renda, vinculados às instituições públicas de ensino superior, a possibilidade de desenvolver a capacidade de produzir conhecimentos científicos e de intervir em prol das comunidades populares/baixa renda,

¹ O Programa "Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares" foi uma iniciativa do Ministério da Educação - MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECADI e execução financeira do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

principalmente junto a crianças, adolescentes e jovens, nas escolas públicas pertencentes aos sistemas estaduais e municipais de educação básica.

O Programa, deste modo, apresenta-se como possibilidade de deixar falar as (os) silenciadas (os) por muito tempo - estudantes universitários de comunidade popular. A análise das narrativas contidas nos memoriais, aqui entendido como: (s.m) qualquer escrito que conta fatos presenciados ou vividos pela pessoa; aquilo que é feito em memória, em homenagem², foca nas partes da vida das/os jovens estudantes que ousaram escrever contando como fizeram para “furar” o paredão das imensas desigualdades sociais e educacionais e ingressar no ensino superior público, não repetindo, desse modo, a saga de seus antepassados!

Severino (1992, p. 12), ao discutir a produção de memorial como de produção de conhecimento, faz o seguinte alerta:

O autor deve fazer um esforço para situar fatos e acontecimentos no contexto histórico-cultural mais amplo em que se situam, já que eles não ocorreram dessa ou daquela maneira só em função de sua vontade ou de sua omissão, mas também em função das determinações entre cruzadas de muitas outras variáveis.

O PCS, até 2009, com recursos oriundos do MEC, produzia um livro³ em que se apresentava memoriais sobre a vida escolar desses jovens antes do ingresso no ensino superior público. Em 2010, com o contingenciamento dos recursos, o livro deixou de ser produzido, no entanto, o programa continuou a instigar os jovens em produções de memoriais nos quais, por meio de suas histórias, pudessem situar, contextualizar e problematizar o mundo em que vivem. Nesse sentido, os jovens vinculados ao programa foram produzindo histórias, sobretudo de escolarização básica⁴.

Este artigo trata, então, da trajetória escolar básica desses jovens a partir da análise de suas narrativas contidas em seus memoriais produzidos em 2009 e 2010, com o objetivo de registro, divulgação e ampliação do debate sobre garantia de direitos educacionais.

1 TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DE JOVENS DE COMUNIDADES POPULARES

A trajetória de escolarização básica de jovens de comunidades populares de escola pública é marcada por contradições, pois, apesar do direito à educação escolar estar explícito em vários documentos no Brasil, como na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996, o acesso à educação formal não abrangeu da mesma forma todos os cidadãos/ãs. Deste modo, as comunidades populares, que muitas vezes tem na escola pública a única possibilidade de garantia de direitos sociais, não encontram a guarida necessária no espaço escolar para a sua formação.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio. Curitiba – PR: Editora Positivo, 2010.

³ Caminhadas de universitários de origem popular.

⁴ Uma parte publicada na revista Conexões de Saberes.

A questão é problemática e decorre de variáveis distintas, principalmente por causa da dualidade da escola capitalista que segrega os mais pobres e condiciona um resultado escolar favorável às elites⁵.

Assim, apesar do avanço, a educação brasileira continua mostrando defasagem na aprendizagem das/os alunas/os em o ensino fundamental e médio. Estudos mostram que “mais de 70% dos alunos concluem o Ensino Fundamental sem ter adquirido as competências mínimas desejadas para essa etapa da educação básica⁶”.

As/os jovens do PCS são frutos dessa educação que em muito lhes furtou o direito à educação, mas, apesar disso, conseguiram “furar” as barreiras impostas e chegaram à universidade e, com suas narrativas⁷, contribuem para a produção do conhecimento em outra perspectiva, a de que “o indivíduo não deve ser concebido fora do quadro das suas relações com outros indivíduos, isto é, fora do quadro da vida social” (KARX. 1844, p 112)

1.1 Trajetória de escolarização marcada pelas condições socioeducacionais

A trajetória de escolarização básica desses jovens reflete e se confunde à condição socioeducacional de seus familiares trabalhadores(as): “Minha mãe saía às cinco da madrugada para trabalhar na fábrica de castanha-do-pará e chegava às 18h. Nós, às vezes, nem a víamos, pois quando saía ainda estávamos dormindo, quando chegava já estávamos dormindo⁸”

Tais dificuldades da vida, com falta de trabalho formal, levou muitos aos trabalhos informais como meio de sustento e garantia de formação de familiares.

Minha história não é diferente dos demais integrantes do grupo Conexões de Saberes. Venho de uma família de agricultores, migrante do Maranhão. Viemos atrás de melhores perspectivas de vida, quando chegamos nos deparamos com as dificuldades: falta de instrução escolar/dificuldade para conseguir trabalho, condições de manter a família, porém meu pai, um grande homem, conseguiu manter meus irmãos e eu na escola com sua venda de “picolé e pastelzinho”.⁹

A mudança para outro lugar foi a saída encontrada pelas famílias das/os jovens que se aventuraram em outras plagas, no caso no Estado do Pará. A ideia de mudança, onde presumivelmente teriam melhores condições de vida, se desfez.

⁵ Informação disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100009.

⁶ Informação disponível em: <http://www.portalguiaescolas.com.br/acontece-nas-escolas/espaco-educacional/problemas-de-aprendizagem-estudo-revela-que-alunos-acumulam-defasagem-durante-o-ensino-fundamental-por-vagner-apinhanesi/>

⁷ As narrativas serão identificadas, pois o PCS trabalha para que o seu coletivo sai da invisibilidade

⁸ Shirlene Coelho, ex-conexista, mestre em Educação, militante do movimento negro e engajada nas causas populares.

⁹ Jaira Silva, ex-conexista, nutricionista e envolvida com os movimentos sociais.

Oriundo do Maranhão, meu pai saiu cedo de sua terra em direção à abundante Amazônia. Maranhão, Pará, Belém, Terra-firme foi o seu roteiro de viagem e este último acabou por tornar-se o seu futuro bairro. Infância marcada pelo abandono do pai, morte prematura da mãe e cuidados da avó materna em uma terra pobre e sem perspectivas de um futuro promissor o trouxeram à Belém, para casa de parentes que tinham a mesma origem¹⁰.

Como se pode analisar pela narrativa, a mudança nem sempre resultou em abundância, ao contrário, se depararam com condições semelhantes as quais se encontravam, pois estas não dependem só do lugar, mas sim de uma base material que possa garantir o mínimo de dignidade de vida.

Apesar disso, a narrativa a seguir revela a maturidade de compreensão pela ausência de seu pai, motivada pelas condições materiais de sobrevivência, transversalizada pela certeza do amor da mãe.

Tantas dificuldades para criar os 04 filhos levaram e levam até hoje o meu pai a viajar para outros estados ou país à procura de trabalho para que possa nos sustentar, privando-se assim de viver-participar de momentos importantes das nossas vidas e deixando um vácuo o qual só é preenchido pela certeza do seu grande amor por nós. Nossa sempre companheira fiel, a minha mãe, a flor mais bela, a pessoa mais íntegra que já conheci a quem tento seguir como exemplo a cada dia¹¹.

Outra narrativa revela a perseverança de uma avó e as dificuldades de lidar com o preconceito por desempenhar funções mais baixas na hierarquia social, também explicita a análise sobre a mãe trabalhadora e arrimo de família e como foi aprender a trabalhar muito cedo:

Fui criada por uma pessoa muito especial, Jacira Souza (avó materna), sendo ela minha verdadeira "mãe". Mamãe esforçou-se para me educar. Porque mesmo não tendo estudos, fazia questão de sonhar com um futuro brilhante para seus filhos, já que, em sua concepção, somente por meio da educação as pessoas poderiam desfrutar de uma vida melhor. Por isso caro leitor, quando referir-me à minha mãe, entenda que estarei falando dessa mulher maravilhosa. Ela ficou viúva cedo, criou seus cinco filhos (Nazaré Reis, Iracema, Izaura, Iraci e Antonio Souza), assim como alguns netos Max André, Marcio André, Handley e duas filhas de criação, eu e minha "irmã" Nivia Cristina. Teve uma vida de muitas lutas, trabalhou desde cedo na fábrica de Castanha e no Asilo Santo Antonio, aposentada, ganhando um pequeno salário precisou ser lavadeira para ajudar no sustento familiar. Eu ajudava a entregar as roupas nas casas dos patrões, "morria de vergonha, quando levava as cruzetas com roupas". Porque enquanto criança pensava ser vergonhoso minha mãe ser lavadeira. Entretanto hoje, percebo e valorizo o seu esforço e que valeu a pena todo o seu sacrifício para me criar dentro de suas possibilidades. Sou chorona porque fui criada com muito mimo, esse fator foi mal interpretado por algumas pessoas que me julgaram incorretamente¹².

A compartilha em meio às adversidades se configura como um meio de produção social e política, com o horizonte de prosseguimento dos estudos, é um elemento destacado da narrativa a seguir.

¹⁰ José Elíada, ex-conexista, doutor em antropologia, líder nato, amoroso, dedicado e, é uma grande referência das camadas populares.

¹¹ Samara Silva, ex-conexista, biblioteconomista, concursada pela SEDUC, lotada na Santa Casa de Misericórdia do Pará.

¹² Núbia Cristina Nunes, ex-conexista, é pedagoga, especialista em educação ambiental, professora da rede estadual de ensino - SEDUC e militante da causa da inclusão de portadores de deficiência.

Como eu não trabalhava, a minha família dividia o custo para não sair pesado para a minha mãe. A mamãe pagava o cursinho e me dava dinheiro para a água, e para a passagem de ônibus os meus irmãos me davam. Ia esquecendo como a minha mãe é costureira, algumas clientes também colaboraram para a minha entrada na universidade. Bom, não posso dizer que duvidaram da minha vitória¹³

Além do trabalho árduo da maioria das famílias das/os jovens, observa-se que a educação brasileira¹⁴ não foi acessível para estas/es trabalhadoras/es. A narrativa abaixo leva a essas assertivas.

Minha mãe aprendeu a ler e escrever sozinha, através de jornais e revistas. Ela começou a estudar há pouco tempo por exigência de seu recente emprego. [...] Ainda que naquele momento minha mãe desconhecesse e não ter tido acesso à escola enquanto instituição de ensino que garante educação enquanto direito do cidadão e dever do Estado, não mediu esforços para que seus irmãos tivessem a oportunidade que lhe foi negada¹⁵.

Essa condição parece impulsionar ainda cedo para os trabalhos informais, nos quais as adversidades são frequentes e se misturam ao cotidiano. A narrativa abaixo procura mostrar que a dureza do trabalho não impediu o sonho, as boas lembranças e, ainda, a noção de divisão de classes sociais.

[...] Neste período já trabalhava como doméstica e morava no emprego. Aos finais de semana, nas folgas do trabalho ia para o cemitério Santa Isabel com meu avô lavar as sepulturas, ele, meu avô, era zelador. Confesso que gostava muito de estar lá, pois além de ganhar um "troquinho" com os serviços que fazíamos, gostava, mesmo, das mangas "suculentas". Lá é cheio de manguieiras! Minhas amigas da escola tinham medo, mas a Janete e eu íamos sempre - a mãe dela também era zeladora - aproveitávamos para assustar os colegas sendo que a escola fica bem ao lado - separada apenas por um muro. Além do mais o cemitério oferecia outros atrativos para mim. Adorava ler epitáfios, saber das lindas histórias (dos defuntos) de amor: noivos que morreram juntos ou um morreu e outro em seguida por amor; das crianças que morreram e passaram a fazer milagres, mas minha preferida era a mulher do táxi: Josefina [...]. No cemitério há uma grande divisão social: as sepulturas da frente são dos ricos, pomposas com grandes imagens, geralmente em mármore e jardins; as detrás, dos pobres, são os chamados "paredões", geralmente, pintadas somente com cal e um vasinho para flor. Apesar do trabalho pesado de zelar, lavar e plantar nas sepulturas foi um tempo de muito *aprendizado e de aventuras?*¹⁶

Esse processo de pauperização das classes trabalhadoras se agudiza na década de 1980 que foi marcada pelo início da "recessão e da expansão da pobreza no Brasil e na América Latina. A crise da dívida externa eclodiu e os governos adotaram políticas de ajuste em um quadro de reestruturação das economias nacionais" (CASTRO, 2009, p. 16). A narrativa abaixo é um exemplo da percepção daquele momento.

Em Belém, nossas vidas mudaram radicalmente. A vida começou a tornar-se cada vez pior e uma desgraça parecia que havia caído sobre nossas cabeças. Passamos por grandes necessidades e vivíamos sempre em locais insalubres que mal davam para nos acomodarmos

¹³ Adelaide Gomes, ex-conexista, é Pedagoga, professora da rede estadual de ensino – SEDUC.

¹⁴ Para fazer parte do PCS, os pais ou responsáveis da/o estudante universitário não podiam ter concluído o ensino médio.

¹⁵ Dayse Vilhena, ex-conexista, é Assistente Social.

¹⁶ Idem nota de rodapé 11.

direito. Tinha sete anos. Vivíamos em meados dos anos de 1980, a vida não era fácil para se conseguir emprego na capital [...]¹⁷.

Em meio à dureza do dia a dia as narrativas mostram como a determinação das mães e pais concorreram para o bem-estar das/os jovens.

Nasci na cidade de Belém do Pará, sou a última filha de uma família de três irmãos e quatro irmãs, meu pai era vigia no Forno Crematório localizado no Bairro da Cremação onde moramos até os dias atuais, hoje no local é uma praça "Darcílio Jurandir", gostava muito de correr por lá, sempre que vou a esta praça fico lembrando, como fui uma criança feliz. Mamãe trabalhava de lavadeira e eles sempre enfrentaram a vida com determinação e coragem para dar o melhor a seus filhos¹⁸.

Essas condições objetivas impulsionaram as/os jovens a buscar o trabalho como alavanca para prosseguir em estudos e produção de uma vida mais digna.

[...] No terceiro ano, consegui um estágio remunerado na antiga Telepará, foi uma grande ajuda para minha família...Meu primeiro emprego foi numa escola particular, onde trabalhei doze anos na secretaria, escola que foi extinta por má administração¹⁹.

Outra jovem também escreveu que não se entregou ao destino que se traçou para ela, deu um jeito de lidar com as condições objetivas e alterar o curso de sua vida.

O tempo foi passando e os meus sonhos cresceram cada vez mais. Quanto mais as pessoas tentavam DETERMINAR meu destino (diziam que eu seria um mero produto do meio: vendedora de lojas, dona de casa, doméstica), mais provava o contrário; queria ser diferente, queria fazer o que ninguém havia feito antes na minha família. Quando algum grupinho da classe ficava reunido conversando sobre shows/roupas/marca de cadernos/sapatos, não argumentava nada, pois isso não fazia parte do meu mundo. Fui crescendo e as necessidades também. Logo, comecei a ter desejos materiais, pessoais e espirituais como qualquer ser humano²⁰.

Na leitura e análise das condições materiais das/os jovens, é inevitável ficar impassível diante das linhas paradoxais duras, ferinas, felizes e de pessoas que compreendem o que é uma realidade em que as desigualdades saltam aos olhos.

[...] Como é difícil falar desses momentos! (Desculpem não consegui segurar as lágrimas). Às vezes, para fugir da realidade cruel a qual fui submetido ao conseguir algum dinheiro ia me refugiar na casa do meu avô no lugar onde morávamos, isso ocorria por dois motivos: o primeiro era que não conseguia me adaptar em Belém, o segundo era que seria um a menos para a despesa de meu pai e com isso sobrava mais alimento para os meus irmãos mais novos²¹.

¹⁷ José Luiz Franco, ex-conexista, doutor em antropologia e militante do movimento LGBTI

¹⁸ Maria Ermineide Lima, ex-conexista, especialista em educação, professora da rede estadual de educação do Pará e militante do SINTEPP.

¹⁹ Idem nota de rodapé número 20

²⁰ Gilvania, ex- conexista, é filósofa e professora da rede pública estadual – SEDUC.

²¹ Antonio Joel Marinho, ex-conexista, historiador, professor da rede estadual do Estado do Amazonas e militante cultural das causas populares.

1.2 A trajetória de escolarização marcada pela luta ao direito à educação

Ainda que o direito à educação seja consagrado e faça parte do conjunto dos direitos sociais, a análise das narrativas indica que as/os jovens, todos os dias, se deparavam com situações que não lhes permitiam a garantia do direito à educação e à livre expressão. Sabiam, por outro lado, que algo precisava ser feito em prol daquelas(es) que não tem quem lhes estenda a mão. O fragmento a seguir reflete a problemática causada pelo desemprego de um pai, relacionando-o aos estudos:

[...] o Brasil conhece, se não a maior, mas umas das maiores crises já vividas e isso nos afeta diretamente. Meu pai desempregado com seis filhos para sustentar a vida passa a ser um grande tormento e nós, sendo eu o mais velho fui vender picolé nas feiras e estudar à tarde. Foram os dois anos mais difíceis de minha. Era duro ver meus pais tristes, quase no desespero sem ter o que dar aos filhos. Perdi totalmente a vontade de viver e minha primeira reação fora abandonar os estudos, pois é impossível estudar com fome²².

Não é difícil analisar o quanto esse aspecto - estudar com fome - é complexo e cruel para com o ser em formação, cuja base se encontram as assimetrias sociais que provocam o fenômeno da desigualdade que, via de regra, resulta na expulsão escolar. A exclusão precoce da escola já deu fortes indicações de ser um dos maiores problemas do sistema educacional brasileiro, e o protelamento da solução compromete a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. (SANTOS, 2003).

O "Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH" (ARAÚJO, 2017) e isso é resultado, em grande parte, das insuficientes condições de acesso e permanência à educação infantil e ao ensino fundamental, com sucessivas reprovações e evasão escolar, temporária ou definitiva, o que leva uma parcela considerável de crianças a ingressar na juventude com elevada defasagem educacional, quantitativa e qualitativa (CASTRO, 2009, p. 91).

É fenômeno que causa prejuízos no campo educativo. Pelo insucesso escolar e pelos baixos rendimentos, constitui uma preocupação constante, pois para o MEC "o maior desafio dessa escola é garantir condições para que o aluno possa aprender" (DOURADOS, 2005, *apud* ARAÚJO, 2017, p. 39).

A perspectiva de abandono da escola é uma marca nas narrativas. "E mesmo com todo incentivo que deu para seus irmãos, nem todos concluíram o ensino fundamental, pois tiveram que trabalhar desde a infância, como feirantes. Foi o que aprenderam e é o que fazem até hoje. Talvez isso tenha desestimulado os meus tios."²³.

Noutra narrativa, a questão se apresenta em outro viés de uma mesma base, educação brasileira básica longe de cumprir com seus objetivos.

²²Idem nota de rodapé número 22.

²³Idem nota de rodapé número17.

Ah, mais onde estudar? Um dia apareceu um senhor que talvez por sonho pensasse em ser professor e meu pai pagava para que ele nos alfabetizasse. Juntou-se uma pequena turma na casa de minha avó materna e eu senti a alegria de estudar pela primeira vez. É, mais o sonho logo acabou, o professor foi embora e eu ainda não tinha conseguido aprender a ler e escrever; a cada dia a vontade aumentava em entender o que estava escrito no papel. Foi então que aos oito anos de idade, 1983, ano em que o Brasil passava por uma luta intensa pelas *Diretas Já*, meu pai me matriculou na escola mais próxima de nossa casa, cerca de três quilômetros de distância e uma mata inteira para atravessar, o que fazíamos correndo numa eterna brincadeira de criança. Aquela era a única escola de toda aquela região²⁴.

A falta de escolas é uma das formas mais perversas de negar às comunidades populares o mínimo de dignidade, por meio de uma formação que entrelace processos cognitivos, afetivos, sociais, morais dos conhecimentos na direção do pensar criticamente nas escolhas autônomas e livres. "Uma maneira de evitar tal desvio seria a consolidação de uma política de procurar aumentar o número das escolas que já funcionam bem, que já apresentam uma qualidade satisfatória" (MACHADO, 2007).

Além do abandono, da falta de escolas, outro problema na trajetória escolar desses jovens é anunciado nas narrativas, a escola não é o lugar de formação apropriado para quem a tem como único espaço de garantia de direitos. Neste sentido, a escola além dos conhecimentos relacionados ao processo de ensino das diversas áreas, deveria estar atenta à formação integral do sujeito, com ensino atrativo e que lhes permitisse acessar um amplo leque de conhecimentos e informações em que pudessem, se não criar, no mínimo ampliar a identificação de si mesmos como cidadãos e a compreensão de seu papel enquanto sujeitos de direitos e deveres. (SANTOS, 2003).

O garoto estudara em uma escola estadual perto da sua casa, na qual fizera todo o seu primeiro grau. Da 2ª série até a 8ª. Quando ele passava de uma série a outra era alegria na certa. Porém, um ano estudando após o outro, inevitavelmente, chega um momento que o sistema escolar te cansa. O garoto já não ficava mais admirado ao perceber o fato de que a maior parte dos alunos ia para a escola apenas para poder passar o tempo. Ora, ali estavam os amigos, as namoradas, a farra, a brincadeira... teria lugar melhor para ficar do que a escola? O estudo era o que menos importava. Os professores sempre chatos e sem ânimo. A realidade da escola pública vitimiza os seus alunos e os torna seres humanos menores do que quando entraram²⁵.

O cenário da escola pública, em tal narrativa, vai de encontro ao direito à educação que, em outras palavras, significa que todos os cidadãos tenham oportunidades de acessar as instituições escolares e que encontrem nelas as condições propícias para concluir, na idade certa, suas etapas com níveis satisfatórios de aprendizagem, ou seja, garantir o direito à educação requer que ela seja significativa, dotada de qualidade que transforme a vida dos indivíduos que sejam capazes de modificar positivamente a sociedade (CUNHA, 2017)²⁶.

Porém, essa transformação da vida dos indivíduos, com capacidade de modificar a sociedade, a ser promovida pela escola pública parece não ser o mesmo lugar em que jovens do

²⁴ Idem nota de rodapé número 22

²⁵ Idem nota de rodapé número 12

²⁶ Relatório Anual de Monitoramento do Plano Municipal de Educação – PME de Iguatemi – Mato Grosso do Sul. Disponível em: http://iguatemi.ms.gov.br/uploads/pagina/arquivos/MONITORAMENTO_AUDIENCIA-PUBLICA_12-04-2018.pdf

PCS construíram suas trajetórias escolares, ou seja, a escola, segundo as narrativas, parece não ser o lugar de formação das comunidades populares. Isso causa enormes prejuízos à escolarização básica e superior dessas/es jovens.

Só que esta alegria acabava na sala de aula apesar de eu ser uma criança que gostava de falar, aprendi logo cedo na escola que uma criança educada era aquela que devia permanecer quieta, calada e não interromper a professora. Esta era autoritária, colocava todos os alunos na linha e os castigos eram diversos, o pior era quando ela mandava ficarem todos de cabeça baixa durante muito tempo. Eu não precisava de castigo e sim de atenção, mais a situação piorou quando ela percebeu que eu escrevia com a mão esquerda, foi um tormento, me obrigava escrever com a direita e dizia que eu era "contra Deus". Isso tudo tornou a escola um sofrimento, não gostava de estar lá, mas tinha que suportar esta situação.²⁷

A problemática se apresenta com mais nitidez a partir da entrada desses jovens no PCS²⁸, pois outro critério para fazer parte do programa era que o pleiteante fosse o primeiro em sua família a cursar nível superior público. Ora se a escola não é lugar de formação das camadas populares, a maioria não consegue prosseguir os estudos como preconiza a LDB/96.

A complicação era maior para quem se encontrava fora dos grandes centros, onde, em tese, se tem mais escolas. Fora destes, observa-se um baixo desempenho que "afeta a qualidade do ensino, sobretudo parcelas mais carentes da população, os mais pobres, negros, indígenas, quilombolas, camponeses, pessoas com deficiência." (ARAUJO, 2017).

Neste sentido, a narrativa abaixo revela uma problemática posta para com o dilema de garantia do direito à educação.

Minha primeira escola foi o "Barracão", era uma escolinha para as crianças da comunidade, chamava-se assim por ser parecida com um galpão, não havia divisão física de salas. Nesta escolinha dei os primeiros passos na vida escolar, depois fui morar com meus avós no interior de Acará – Castanhalzinho, município do Pará e lá dei continuidade nos estudos. Estudei até a 4ª série, até que a minha mãe foi me buscar - pensava que o ensino de lá era fraco. Logo voltei à Belém, mas quando chegamos à escola não aceitou que iniciasse de onde parei, porque, como minha mãe pressupunha, o ensino era fraco. Vale lembrar que os professores de lá pouco apareciam, tendo em vista que escola localizava-se mata a dentro. O acesso era muito difícil. Eles, os professores, e nós alunos tínhamos que pegar um barco - "popopô"- muito pequeno, pois o igarapé castanhal era muito estreito, e ainda tínhamos que andar em uma trilha super complicada, só os moradores de lá a conheciam (hoje já não é mais assim). Os professores não desfrutavam de estrutura para ficar na região, uma vez que não dava pra ir e voltar no mesmo dia, então ficavam a semana toda dessa forma e quem acabava ensinando eram os próprios moradores que muitas das vezes mal sabiam assinar o nome.²⁹

A pobreza das comunidades populares se revelou com nitidez quando as/os jovens adentraram à escola que como instituição cumpre algumas regras, como a exigência do uso do uniforme escolar o que, muitas vezes, prejudica o desempenho escolar de quem tem que dividir com imãs/os material escolar, incluindo o uniforme.

Minha escola propriamente dita foi a "Celina Anglada" localizada no bairro do Guamá, periferia de Belém, onde morava – e moro. Bem, voltei para a primeira série, porém minha idade

²⁷ Idem nota de rodapé número 20.

²⁸ Em todos os editais de seleção do PCS, mais de 150 alunas/os concorreram às poucas vagas ofertadas.

²⁹ Ibidem nota de rodapé número 11

já era incompatível, portanto fiz um teste e passei para a segunda série e no fim do ano para a terceira. Mas não sabia nada. Meu irmão também estudava nesta escola em horário diferente, estrategicamente, **pois tínhamos apenas um uniforme e um par de sandálias. Ele estudava pela manhã e eu no turno "intermediário"**, (hoje já não existe mais esse turno escolar), ele saía às 11h e eu pegava às 11h. Esperava ele no meio do caminho embaixo de um "jambeiro" (lógico que enquanto esperava ficava apanhando jambo), quando chegava me dava o uniforme e a sandália. Às vezes eu caía no choro, porque ele não chegava no horário, logo não poderia entrar na escola sem o uniforme.³⁰

A pobreza também fazia com que o trajeto até a escola fosse feito a pé: "[...] cheguei ao ensino médio, estudei na Escola Estadual Deodoro do Mendonça, passando por um teste de seleção para ser matriculada nessa escola. Lembro-me de alguns dias em que saía mais cedo de casa, indo de pé a caminho da escola³¹".

Essas condições que são ditadas pela base material não impediram que essas/os jovens concluíssem a escolarização básica, em escolas públicas. Constata-se que o processo de escolarização foi marcado por crença na escola pública

1.3 A trajetória de escolarização marcada pela crença na escola pública

Ao analisar o papel da escola pública Libâneo (2004, p. 191) alerta para o fato de que é preciso que se busquem meios para instrumentalizar alunos em condições de igualdade.

O êxito da escola, especialmente da escola pública, depende não apenas do exercício da democracia nas escolas, da gestão participativa, da introdução de inovações técnicas mas, basicamente, da qualidade cognitiva e operativa das aprendizagens, propiciada a todos os alunos em condições iguais. É na sala de aula que podemos realizar, como professores, a justiça social em matéria de educação. É por meio da formação cultural – de sólidos conhecimentos e capacidades cognitivas fortemente desenvolvidas – que os filhos das camadas médias e pobres da população podem participar de uma vida mais digna e mais completa, com maior capacidade operativa (saber fazer, saber agir) e maior participação democrática.

A crença na escola pública, ou seja, na escolarização, como a anunciada por Libâneo, na qual é possível a construção digna e viável, foi a saída desses jovens que junto aos seus familiares não mediram esforços para enfrentar adversidades e superá-las sem perder de vista a crítica ao modelo educacional traçado para as camadas populares. Desse modo, buscaram construir outras histórias, trabalhando para trazer a escola para seu mundo, sua cultura, é o que se costuma chamar de realidade.

Deixando o medo para trás contarei como foi o meu contato com a escola: Desde cedo os cantos de viola me fascinavam como daqueles cantadores que viviam como viajantes e entoavam livros de folhetos em versos (literatura de cordel); exemplo disso é que um dos meus maiores sonhos era aprender a ler aqueles livros de estórias fascinantes. Recordo-me da alegria que sentia quando meu pai antes de dormir lia em voz alta aqueles versos para todos nós e minha mãe ficava aborrecida quando antes de começar a leitura, propriamente dita, ele lia a ficha técnica do autor, pois para ela o que valia de verdade era a estória em si e não quem

³⁰ Ibidem, ibdem nota de rodapé número 11

³¹ Idem nota de rodapé número 20.

tinha escrito o livro. [...]. Ah, quantas lembranças lindas daquele tempo maravilhoso! Do descobrimento das letras, das disputas de corridas naquele velho caminho cheio de ladeiras e raízes. Apesar do sofrimento nossa infância foi repleta de alegrias e de muitas brincadeiras e a escola nos ajudava a compreender a necessidade de ir em frente.³²

É preciso dar voz às escolas, buscando compreender as razões de seu desempenho, especialmente quando se trata de trajetória de jovens de comunidades populares.

[...] Se uma escola que apresenta o melhor desempenho numa avaliação nacional valoriza especialmente o trabalho do professor, ensina latim e xadrez, ocupa os alunos seis ou sete horas por dia, os provê de atividades significativas que aproximam a educação e a cultura, isso não pode ser encarado apenas como um conjunto de características fortuitas. Ao pretenderem propor caminhos novos que ignoram as vias já percorridas pelas boas escolas existentes, os órgãos públicos tentam reinventar a roda e, muitas vezes, mesmo inintencionalmente, castram ou desestimulam iniciativas que deveriam ser louvadas e consideradas inspiradoras.

Escolas com esse perfil são apreciadas nas narrativas de trajetória das/os jovens que recordam o prazer de estudar:

[...] Nesta escola tinha prazer em estudar, e me recordo com carinho dos professores que eu admirava-os e tinha um grande respeito por eles, pois sempre foram dedicados contribuíram com minha formação. Acredito que esta é a função social da escola, contribuir para a formação de nossas crianças e adolescente para que possam tomar suas próprias decisões diante da sociedade³³.

E a escola poderia dar sentido à vida desses jovens: “Após alguns anos sem estudar tive a felicidade de ser mandado de volta para minha Vila, Maiauatá. Ingressei direto na primeira série do fundamental pulando etapas graças a minha insistência com meu pai e meu esforço de querer estudar para dar sentido a minha vida³⁴.”

Fica evidente que a crença na escola como possibilidade de mudança de vida foi uma espécie de mola propulsora para a permanência e conclusão de estudos das/os jovens.

Aos onze anos de idade fui morar com a filha de pai com sua primeira esposa. Onde eu trabalhava com tarefas domésticas em geral, cuidava de seu filho recém-nascido e estudava. Com todas estas dificuldades fui conseguindo concluir os estudos, pois sabia que para conseguir ser alguém não havia outra forma senão estudando, meu pai sempre deixou isso bem claro para os filhos.³⁵

Quando a escola apresenta qualidade é reconhecida pelas/os jovens: “em 1983 que fui para quinta série na Escola Dr. Mario Chermont. Esta tinha fama de ter ensino de qualidade, professores aplicados, diretores preocupados com o bem estar dos alunos, uma merenda deliciosa. Dediquei-me muito aos estudos”³⁶.

³² Ibidem nota de rodapé número 22

³³ Idem nota de rodapé número 20

³⁴ Idem nota de rodapé número 19

³⁵ Idem nota de rodapé 12

³⁶ Ibidem nota de rodapé número 20

As narrativas revelam ainda uma mistura de saudade, tenacidade, um enorme desejo e a vontade de estudar: “No ano de 1978 comecei a estudar, que emoção! Fiquei tão contente com o caderno e o lápis, eu ficava cheirando o tempo todo, pois era tudo novo e o uniforme então, que beleza! Blusa branca e saia de prega tudo a contento³⁷”.

Aquilo que se costuma chamar de realidade se imiscui com a perspectiva de um ensino/aprendizado que na imaginação “só” a escola pode oferecer, por isso nenhum obstáculo poderia se constituir em empecilho para a chegada à escola.

O período mais difícil foi o de chuva, pois o caminho ficava fechado por matos o que nos forçava a tirar toda a roupa colocando-as em sacolas plásticas junto com os cadernos feitos de papel. Meu pai comprava papel com pauta e minha mãe cortava em quatro partes para costurar em seguida deixava no formato de um caderninho e isso perdurou até a minha 4ª série quando pela primeira vez tive finalmente um caderno. Saíamos em disparada e quando chegávamos bem próximos da escola tomávamos banho num açude e então depois de vestido é claro, estávamos prontos para a aula que começava as 13h00min horas e terminava às 17h30min, caso o aluno acertasse a lição³⁸.

O ingresso na escola, às vezes tardio, revela o esforço e perseverança de quem acredita que pode mudar o curso de uma vida pela educação. A narrativa a seguir é mais um exemplo desse caminho percorrido.

Ingressei na escola aos 07 anos de idade, não fui alfabetizada. Fiz a primeira série com muito sucesso, ou seja, para quem nunca havia estudado, passar de ano era reflexo de muito esforço e dedicação. Esse foi um momento de descoberta e admiração, pois com muita dificuldade, problemas, sem o apoio familiar, consegui sobressair nos estudos. A partir daí, escutei muitas frases de incentivo que ajudaram a me dedicar mais e mais. Sempre fui reservada, dada toda a realidade que me rodeava. Minha mãe era muito exigente e radical; meu pai, sempre acomodado, estava desempregado e achava que tudo estava em perfeita harmonia. Isso me indignava, eu ficava horas me perguntando o por quê de todos os pais trabalharem e o meu não, será que eu e meus quatro irmãos já estávamos criados como eles diziam estar?³⁹.

As/os jovens junto com suas famílias, por acreditarem na escola, buscaram o caminho delas:

Em 1999, eu concluí o ensino fundamental e agora eu tinha a missão de encarar o ensino médio, mas antes eu teria que passar no exame de admissão de alguma escola de Belém, pois a minha na época não tinha o ensino médio. Neste ano lembro que escolhi fazer a prova do Pedro Amazonas Pedroso, ela era uma escola muito bem falada e eu queria entrar, e também me inscrevi para fazer a prova do Cefet-Pa (Centro...) que era conhecido na época como Escola Técnica Federal do Pará, escolhi o curso de eletrônica que era concomitante com o ensino médio. Com o passar do tempo o improvável aconteceu, eu não passei na prova do Pedroso, mas consegui entrar no Cefet e eu que achava que não tinha chances (André).

A narrativa a seguir, ao explicitar o papel desempenhado pela mãe em sua trajetória escolar, destaca a compreensão desta em relação à importância da educação na vida dos filhos.

[...] Falar desta trajetória sem deixar explícito o que considero minha base, meu alicerce, ficaria vazio. É, caro leitor; estou falando de minha preciosa MÃE! Seu nome é Sandra. Devo a ela tudo na vida. O sonho e a realização de estar na Universidade começa com o incentivo recebido

³⁷ Ibidem, ibidem nota de rodapé número 20

³⁸ Ibidem, ibidem nota de rodapé número 23.

³⁹ Idem nota de rodapé número 22

dessa pessoa especial. Suas palavras sempre soaram em meus ouvidos...[...] esperança em dias melhores, foi essa ideologia de vida que me impulsionou na luta pelo desejo de entrar na universidade⁴⁰.

As narrativas destacadamente elencaram elementos importantes para construção do conhecimento em outras bases alternativas às comunidades populares.

2 ANÁLISES PROVISÓRIAS DA TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA DE JOVENS DE COMUNIDADES POPULARES

As narrativas analisadas são provas, contém registros de parte da trajetória de escolarização de jovens de comunidades populares, a partir de certo tempo, quando as/os jovens se deram conta de como a vida das pessoas assume, em menor ou maior grau, importância na escala social e que é preciso seguir em frente e acreditar na possibilidade de outra produção intelectual, estética, ética, amorosa e feliz, diferente daquela indelevelmente ligada à classe que controla a produção material e que aos poucos foi sendo introduzida, transformada em ideias e apresentadas quase como lei natural em forma de padrões políticos, morais ou religiosos e verdades. Aqueles, que controlados, os absorvem inexoravelmente, inclusive no plano da subjetividade que ajuda a produzir a pobreza do espírito e a sensibilidade da pessoa humana.

Essa possibilidade de construção aumentou ações de barbárie individual e coletiva, particularmente no século XX⁴¹, porém é sempre preciso a lembrança: "Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil nega-las, contorna-las, envolvê-las em gaze" (RAMOS, 1996).

As análises das narrativas destacam com clareza e rigor aquilo que muitos falam por deleite, por moda ou por ibope - o sentido de ser pobre num país de pobres, de comunidades populares. Ao mesmo tempo, esses textos foram escritos tendo por pano de fundo a história de parte de uma vida, portanto escritos e circunscritos a partir de condições objetivas impostas à vida.

As narrativas revelam a compreensão de que problemas decorrentes da base material empobrecida levam ao contato com a escola dual, à não garantia do direito à educação, à falta de escolas, abandono de escolas e crença na escola pública, não são problemas de ordem pessoal, mas, sobretudo, são problemas sociais e de todos nós. Portanto, a trajetória escolar básica dessas/es jovens é marcada pela dualidade escolar que é marca da diferença entre classes sociais.

As narrativas também marcam e demarcam obrigação educacional de abraçar a causa das comunidades populares e não só tirar proveito dela e lutar para que os poderes políticos constituídos cumpram com as prerrogativas constitucionais de direitos iguais.

⁴⁰ Dayse Hellen, é Assistente Social, mãe, batalhadora, articuladora e daquelas pessoas que emocionam pelo olhar.

⁴¹ A exemplo da Primeira Guerra Mundial (1914 -) e Segunda Guerra Mundial (1937 - 1945). Nestas observa-se que o pressuposto de ciência baseado na racionalidade foi por "água abaixo".

A crença na escola pública, ou melhor, a esperança nela depositada, por essas/es jovens, permite analisar que, de fato, as comunidades populares necessitam de políticas públicas especiais, a exemplo das políticas de ações afirmativas, em reparação à marginalização imposta a elas e a eles historicamente. “A vida é um aprendizado constante, e esses versos permitem dizer, aprendi que a superação é a palavra que define as minhas conquistas, mesmo que isso para muito não signifique absolutamente nada. Mas para mim estudante oriunda das classes populares é vencer as dificuldades⁴²”

Deste modo, a análise das narrativas remete para o sentido da coisa em si, para além da aparência, é olhar o outro como sujeito de direitos. Essa análise encontra-se referenciada em método de análise que defende a transformação. Na produção desses jovens universitários de camadas populares não restam dúvida, o posicionamento teórico-prático é uma marca.

Por último, deve-se alertar, a universidade desempenha vários papéis, um deles é buscar, por meio do conhecimento, alternativas às classes populares, deixando-as falar, pois se forem silenciadas, a história não perdoará de quem dela duvidar. O PCS tem nos seus mais de 10 anos, procurado ampliar essa perspectiva.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FILHO, Raimundo Barbosa Silva. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017.

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de Andrade (Org.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009. 303 p. ISBN 978-85-7811-039-0.

CORREA, Deylane Pantoja Baia (org.). *Caminhadas de universitários de origem popular*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pró – Reitoria de Extensão, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. Curitiba – PR: Editora Positivo, 2010.

KARX. *Marx. O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. Disponível em: http://boitempoeditorial.com.br/livro_completo.php?isbn=978-85-7559-171-0.

KARX. *Marx. Manuscritos filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial. 1844.

LÊNIN, Vladimir Ilich. *O estado e a revolução: a doutrina marxista do estado e as tarefas do proletariado na revolução*. São Paulo: Global, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MACHADO, Nilson José. Qualidade da educação: cinco lembretes e uma lembrança. *Estudos Avançados*. Vol. 21 nº 61. São Paulo Sept./Dez. 2007. ISSN 0103-4014 *On-line* http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300018

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere – VI, 32ª edição*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere – VI, 32ª edição*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do Rosário. *Contado ninguém acredita*. Memorial apresentado a FAEFD-ICED-UFPA para progressão funcional. Belém-PA, 2012.

⁴² Ibidem, ibidem nota de rodapé número 23.

SANTOS, Geovânia Lúcia dos. *Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA*. Belo Horizonte: Universidade Estadual de Minas Gerais - Faculdade de Educação, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. Petrópolis: Vozes, 1992.

VIEZZER, Moema. *Se me deixam falar...: Domitila: depoimento de uma mineira boliviana*. São Paulo: global, 1987.

MARIA JOSÉ AVIZ DO ROSÁRIO

<https://orcid.org/0000-0001-8680-5181>

Doutora em Educação, professora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Educação Básica (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA), credenciada no Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB), coordenadora geral do Programa Conexões de Saberes: Diálogo entre universidade e as comunidades populares.

E-mail: mrosario@ufpa.br

THAIS PIMENTA PIMENTEL

<https://orcid.org/0000-0002-4416-1661>

Mestranda em Educação Básica no Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Educação Básica (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA), professora da rede pública de ensino de Ananindeua/PA.

E-mail: thaispimenta10@hotmail.com

JESUS DE NAZARÁ DE LIMA COSTA

<https://orcid.org/0000-0002-2571-9543>

Mestre em Educação Básica pelo Programa de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Educação Básica (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da rede pública de ensino de Acará/PA.

E-mail: iesuscosta20@yahoo.com